



# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

## **FRANCISCO MARTINS DE GOUVEIA MORAIS SARMENTO (1833-1899).**

MENDES, José M. Amado

Ano: 1997 | Número: 107

---

### **Como citar este documento:**

MENDES, José M. Amado, Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento (1833-1899). *Revista de Guimarães*, 107 Jan.-Dez. 1997, p. 299-308.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.  
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Sarmiento, Francisco Martins de Gouveia Morais (1833-1899)

José Amado Mendes

Revista de Guimarães, n.º 107, 1997, pp. 299-308

Francisco Martins de Morais Sarmiento, mais conhecido simplesmente por Martins Sarmiento (M.S.), foi folhetinista, literato, historiador, etnólogo, arqueólogo, além de polemista e mecenas. Tendo-se destacado pela sua erudição e vastíssima cultura, foi já considerado, justamente, como «um dos maiores vultos nacionais da segunda metade do século XIX» (Mário Cardoso). Nasceu em Guimarães, em 9 de Março de 1833, onde viria também a falecer, em 9 de Agosto de 1899, com 66 anos de idade. Era filho de Francisco Joaquim de Morais Sarmiento e de Joaquina Rosa de Araújo Martins, tendo casado (em 5 de Fevereiro de 1876, prestes a completar os 43 anos de idade) com Maria da Madre de Deus de Freitas Aguiar. O seu percurso escolar decorreu entre a cidade natal (Guimarães, na qual fez as primeiras letras), Porto (onde estudou Latim e efectuou os estudos preparatórios de acesso ao Ensino Superior) e Coimbra. Aqui, a exemplo de muitos outros intelectuais do seu tempo, matriculou-se na Faculdade de Direito (no 1.º ano, em 3 de Outubro de 1848), com apenas 15 anos, vindo a concluir a respectiva formatura cinco anos depois (mais exactamente em 12 de Julho de 1853, como consta do respectivo livro, de *Actos e graus*), aos 20 anos de idade. Acerca do papel desempenhado pelo curso de Direito, na formação de M.S., sublinhou José Sampaio: «O enfado desse curso que, estreitando a

inteligência do aluno no círculo apertado duns compêndios oficiais, lhe não deixava ver os vastos horizontes da ciência, não teve nele a influência destruidora que fez de tantos outros uma desastrosa inutilidade: a sua forte organização intelectual e a sua viva imaginação resistiram ao perigo». E prosseguia J. Sampaio, considerado por Alfredo Pimenta «o seu melhor biógrafo»: «Importou-se pouco do ensino oficial, o bastante apenas para satisfazer às exigências do curso. Na leitura de bons livros fortaleceu a inteligência, e deixou a imaginação correr a par dos afectos da alma; de forma que ao sair de Coimbra não era perfeitamente um bacharel, mas um poeta». Acerca desta faceta de M.S., já foi destacado: «Nasceu poeta. E poeta viveu - fazendo da poesia, porém, não finalidade da sua existência, ou método do seu labor, mas estímulo e razão de ser da sua obra» (A. Pimenta, 1933, p.7). Concluída a formatura, em Coimbra, regressa a Guimarães, onde, salvo curtas ausências - em praias nortenhas, em termas do Alto Minho ou em viagens de estudo à Galiza (em 1880 e 1881, segundo Mário Cardoso) -, veio a decorrer a sua existência. Fez esporádicas incursões pelos domínios da poesia, tendo inclusive publicado um livro de versos (*Poesias*, Porto, 1855), versos esses que, posteriormente, em carta dirigida a Joaquim Araújo (10.3.1878), classificaria «pouco mais ou menos abomináveis. Dispondo de fortuna pessoal e sem necessidade de ocupação profissional, atravessa então um período de mais de duas décadas (1853-1874), durante o qual, além da colaboração em publicações periódicas, consolida a sua formação, através de leituras muito diversas. Ao fazer uma certa retrospectiva sobre aquelas duas décadas, esclarecia M.S. (em carta dirigida ao Prof. Pereira Caldas, com data de 13.10.1877): «Os trabalhos na Citânica começaram propriamente em Julho de 75. Em 74 fiz apenas um pequeno reconhecimento». E acrescenta: «Quanto às minhas predilecções literárias, tenho sido de um volubilidade verdadeiramente feminina. Tomou-me muito tempo a filosofia e a história dos sistemas filosóficos, mormente no que tinham relação com as religiões e a filosofia. Desci das teorias ocas à escola crítica e aí achei--me em melhor terreno. Nestas santas disposições atirei-me à

história, principalmente à história antiga, e ia neste caminho, quando a Citânia me fez recuar até à pré-história» (*Revista de Guimarães*, vol. XXXIV, ano de 1924, p. 7) . os seus interesses, no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, revelam-se mais diversificados do que as suas declarações deixam antever, pois contemplam as seguintes áreas: geografia antiga, pré-história, mitologia, tradições populares, etnologia, arqueologia, arte pré-histórica e epigrafia. Dedicou-se também ao estudo das línguas, tendo dominado as seguintes: alemã, inglesa, francesa, italiana, espanhola e perfeitamente o latim (José Sampaio). Reportando-se igualmente a esta fase da vida do autor, escreveu Vergílio Correia: «Estes 22 anos decorridos desde a sua formatura aproveitara-os Sarmiento, por puro diletantismo, por necessidade espiritual, sem qualquer intuito preparatório de exercício de cargo, em adquirir uma cultura geral, histórica e literária, que o seu curso de Direito lhe não dera, e que o seu temperamento solicitava. Essa cultura geral e autodidáctica de línguas, artes e humanidades serviu-lhe de admirável instrumento de trabalho, quando [...] entrou na fase científica do seu labor intelectual» (1870-1899). Por outro lado, também a prática da fotografia (a partir de 1868) viria a tornar-se de extrema utilidade, nos diversos e meticulosos trabalhos de escavações que posteriormente efectuou, na Citânia de Briteiros e em Sabroso. Em 1877 (carta de 13 de Outubro, dirigida a Pereira Caldas), declarava: «há mais de 15 dias que não faço mais que tirar provas fotográficas. Legou à Sociedade Martins Sarmiento uma notável colecção de 455 preciosos clichés (M. Cardoso). Atendendo à obra de M.S. propriamente dita, Mário Cardoso distinguiu duas fases transitórias na vida intelectual de M.S.:

- a) a das composições poéticas e romântico-literárias, que decorre desde 1855 a 1860;
- b) e a dos estudos sociológicos, que vai de 1868 a 75.

Contudo, foi a fase científica - a seguir àquelas - que deu verdadeira notoriedade ao autor, a qual coincidiu com o último quarto de século da sua vida (1874-1899). A etnologia e a arqueologia passaram, então, a ocupar o essencial do seu labor. Sucedem-se,

nessa fase, os estudos históricos e arqueológicos. Além da preparação que M.S. havia adquirido nas décadas precedentes, há ainda que sublinhar outros condicionalismos que, por certo, terão favorecido a decisão de M.S. em se dedicar à investigação arqueológica. Assim, no contexto internacional, «ao estudo da arqueologia pré-histórica sucede-se o da arqueologia pré-clássica. No Mediterrâneo oriental, na Ásia Menor, na Grécia, nas Cíclades, um devoto da *Ilíade* e da *Odisseia*, transformado pela corrente das ideias em iluminado da arqueologia, Schliemann, faz acordar do seu hibernamento plurissecular as civilizações pré-helénicas. Os muros de Tróia, Micenas e Tirinto voltam a ver-se banhados pelo claro sol que acalentara os heróis homéricos» (V. Correia). Portugal, por sua vez, também participava, à sua maneira e de acordo com a sua especificidade, no movimento que visava aprofundar o conhecimento da história da Humanidade, recorrendo essencialmente aos vestígios materiais que, durante séculos ou milénios, haviam estado entranhados no subsolo. A propósito do ambiente que, desse ponto de vista, se registava no País, salientou Mendes Correia, numa conferência sobre M.S. (1933): «A constituição da Comissão dos Trabalhos Geológicos em 1857 marca uma data culminante da nossa Arqueologia Pré-histórica. Iniciam-se as explorações de grutas, dolmens, restos de cozinha; põe-se o problema da existência do homem, na era terciária, no nosso território. Carlos Ribeiro é a figura dominante desse belo movimento científico, que chama a atenção da Europa culta para Portugal. Em 1863 funda-se em Lisboa a Associação dos Arqueólogos Portugueses; em Coimbra, na secção arqueológica do Instituto, discutem-se em 1873 e 1874 as escavações de Condeixa, da velha Conímbriga, então realizadas. Entre outros, Gabriel Pereira trabalha em Évora, Estácio da Vega no Algarve». Por último, recorde-se ainda o facto de a casa solarenga da família Sarmiento, a «Casa da Ponte», se situar nas proximidades da Citânia de Briteiros, a cujas escavações M.S. viria a dedicar-se desde 1875. Acerca das suas intenções iniciais, confessou M.S. (carta a Joaquim de Araújo, de 10.3.1878): «Se a Citânia me fez conhecido um pouco, juro aos Deuses que não foi para servir o meu país e a história

dos celtiberos que comecei a fossar naquelas ruínas; foi simplesmente por não ter que fazer». Foi já inventariada, por Mário Cardoso, a bibliografia sarmentina, incluindo a referente às actividades arqueológicas (*Revista de Guimarães*, vol. XXVII, nº. 4, 1927, p. 187-201). Entre outros trabalhos, merecem ser destacados: *Os Lusitanos* (1880), *Ora Marítima*, de R. Festus Avienus. *Estudo deste poema na parte respectiva à Galiza e a Portugal* (1880), *Os Argonautas. Subsídios para a antiga História do Ocidente* (1887) e *Lusitanos, Lígures e Celtas* (1890). Os principais estudos de M.S. caracterizam-se pelas hipóteses e/ou conclusões inovadoras que apresenta, as quais – ainda que, por vezes, discutíveis – são geralmente alicerçadas numa profunda erudição e na evidência dos testemunhos materiais, detectados no Noroeste peninsular. Vejamos alguns exemplos. Acerca da *Ora Marítima*, de Aveiro, M.S. considerada «o mais antigo documento etno-geográfico do Ocidente, um documento de um valor infinito», mas também de uma «obscuridade proverbial», sobretudo no que toca à identificação problemática de algumas das respectivas localidades mencionadas no périplo fenício, provavelmente do século VI a.C. A referida obscuridade seria, contudo, intencional: tratar-se-ia de um “roteiro em cifra”, apenas útil àqueles que estivessem «meio iniciados nos segredos desta viagem» (*Ora Marítima*, 1880, p. 92) . Nos *Argonautas*, por sua vez, o autor, ao invés do que vulgarmente se admitia, afirmava que a expedição dos Argonautas não havia sido efectuada por Gregos, mas por Fenícios (*Os Argonautas*, 1887, p. XXVIII). M.S. também enuncia, neste trabalho, uma das suas teses fundamentais, que consiste na valorização do legado pré-céltico, ao qual se refere nos seguintes termos: «é lícito inferir que essa grande massa de tradições populares, em que o paganismo respira por todos os poros, vem dum fundo, comum aos Lusitanos e aos Romanos, e não é uma importação destes conquistadores». Em contrapartida, a influência céltica, segundo M.S., teria sido diminuta: «Da civilização céltica é que se não sabe coisa nenhuma, porque nenhuns monumentos deixou, nem tinha que deixar. Da sua língua nada se sabe também; o que dela podiam ficar eram alguns nomes pessoais,

alguns étnicos, alguns vocábulos soltos, que só pelas línguas germânicas devem ser decifrados» (*Os Argonautas*, p. 285-287). Foi também nesta obra (*idem*, p. 288) que M.S. se revelou bastante inovador, sob o ponto de vista da metodologia histórica. Com efeito, numa altura em que a documentação escrita, para a maioria dos historiadores, ainda tinha a primazia, M.S. esclarecia, assim, o seu propósito: «indicar uma orientação bem determinada ao estudo das nossas origens e à interpretação dos monumentos de toda a espécie, que nos restam do passado» (sublinhado meu). A fim de alcançar este desiderato, M.S. efectuou escavações, primeiro na Citânia de Briteiros e, depois, em Sabroso (a partir de 1878). Naquela, além de uma arquitectura civil tradicional e de raízes muito antigas – casas redondas, de planta circular, algumas rectangulares, construídas em pedra solta – e de outros vestígios pré-romanos, deparou-se, também, com testemunhos da Romanização. Ao invés em Sabroso, face à quase ausência destes últimos, M.S. concluiu estarmos perante um castro mais antigo que o da Citânia de Briteiros. No que concerne aos povos, que habitaram o Noroeste peninsular, M.S. procurou carrear elementos que sustentassem a tese, segundo a qual *os Lusitanos* teriam filiação nos Lígures. Foca o assunto em *Os Lusitanos* e numa série de artigos publicados no âmbito de uma polémica com Francisco Adolfo Coelho, sob o título *Lusitanos, Lígures e Celtas*. M.S. resume assim a sua perspectiva: «Os Lígures do Mediterrâneo, como os povos itálicos, são da mesmíssima família que os Lígures ocidentais, mas separaram-se deles em tempos muito antigos e nunca mais se comunicaram até à época da dominação romana». E acrescenta, noutra passagem: «Os Lusitanos são de origem ligúrica; a sua onomástica é ligúrica. Tenho a convicção íntima de que ninguém destruirá nunca esta verdade histórica (*Lusitanos, Lígures e Celtas*, p. 348 e 386). Não obstante as objecções formuladas à tese de M.S. – recordem-se, por exemplo, as polémicas travadas com Oliveira Martins e com Adolfo Coelho –, ela teve, também, os seus seguidores, inclusive de quadrantes políticos diferentes. A propósito, realça Mendes Correia: «Assim, Sarmiento foi Mestre do Nacionalismo em dois campos opostos: de António Sardinha,

no campo monárquico, de Ricardo Severo, no campo republicano». Tratar-se-ia, como tantas vezes sucede, do aproveitamento das descobertas científicas, para fins políticos? Seja qual for a resposta, tal não deixa de ter algo de irónico, sabendo-se ter o próprio M.S. declarado não ser «monárquico nem republicano». A finalizar, convirá reflectir um pouco sobre as repercussões da obra sarmentina, quer no estrangeiro, quer em Portugal. A nível internacional, a fama de M.S. intensificou-se, com a realização, em Lisboa, do 9º. Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, que teve como um dos pontos altos a visita à Citânia de Briteiros (1880). Apontam no mesmo sentido as declarações de investigadores de renome, como o alemão Emilio Hübner, que se referia a M.S. em termos bastante elogiosos. Comparando o apreço em que a sua obra era tida, no estrangeiro e entre nós, M.S. lamentava, com algum desagrado: «Repetirei o que me dizia o Soromenho: “é escusado esperar aplausos que nos satisfaçam, dos nossos; a recompensa legítima vem sempre dos estrangeiros”. É uma verdade. Isto entre nós está a apodrecer cada vez mais nessa decomposição de vaidadezinhas e invejas que metem engulho» (carta de 9.9.1880, dirigida a J. Leite de Vasconcelos). É certo que, mesmo no País, a actividade arqueológica de M.S. já havia despertado interesse. De facto, já em 1876, o assunto havia merecido atenção, através dos seguintes eventos: um discurso, proferido na Academia Real das Ciências, pelo Marquês de Sousa Holstein; a visita (em 10.6.1876) à Citânia de Briteiros e a Guimarães e a realização, *in loco*, de conferências sobre a temática, nas quais participaram, entre outros, os seguintes intelectuais: Augusto Filipe Simões, Luciano Cordeiro, Augusto Soromenho e Magalhães Lima. Em 21 de Agosto do mesmo ano, também o rei ordenava o governador civil de Braga que louvasse M.S., «pelo relevante serviço que tem prestado e está prestando aos estudos arqueológicos» (DG, nº. 204, de 12.9.1876). Por sua vez, em 1882, foi fundada, em Guimarães, a Sociedade Martins Sarmiento, tendo sido o autor de *Os Argonautas* proclamado, em 29 de Janeiro daquele ano, o primeiro sócio honorário da mesma. A referida Sociedade, como herdeira e administradora do legado

patrimonial e cultural de M.S., tem vindo a desempenhar um relevante papel, no âmbito da investigação histórica, da dinamização e da divulgação cultural. Além da *Revista de Guimarães* (vols. 1-106, 1884-1996), muitas outras publicações têm vindo a lume com a sua chancela, para já não referir numerosas manifestações culturais que tem promovido ou em que tem participado. Por seu lado, também a cidade e a própria Câmara de Guimarães tem tomado algumas iniciativas, em homenagem a um dos seus filhos mais ilustres. Entre outras, podem indicar-se: a deliberação tomada pela referida Câmara, logo imediatamente após a morte de M.S., de dar «ao Largo do Carmo o nome de Martins Sarmiento» (1.º de Janeiro, n.º. 189, de 11.8.1899, p. 1); «a inauguração do Monumento ao Sábio vimaranense, no Largo Martins Sarmiento, com a assistência de todas as entidades incorporadas no cortejo cívico» (11.6.1933). Aproximando-se o centenário do falecimento de M.S. (9 de Agosto de 1999), seria de desejar que, a exemplo do sucedido no centenário do seu nascimento (1933), a data fosse rememorada, com a realização de actividades adequadas à circunstância (por exemplo, a realização de um congresso e/ou conferências, a publicação de materiais inéditos, a reedição de certos trabalhos, obra bibliográfica desenvolvida, etc.). A concluir, recordem-se as palavras de Mendes Correia, no final da conferência, proferida no Porto, no dia em que se comemorava o centenário do nascimento de M.S. (9 de Março de 1933): «Precursor dum alto movimento nacionalista, Martins Sarmiento não terá sido apenas um Mecenas, um erudito e um investigador de relevantes qualidades: foi e ficará sendo, pelos séculos fora, um formidável obreiro da consciência nacional, um grande Português, um benemérito da Pátria».

## **BIBLIOGRAFIA:**

- Mário Cardoso, «Bibliografia sarmentina. Subsídios para o estudo e divulgação da obra de Francisco Martins Sarmiento (1833-1899)», *Revista de Guimarães*, vol. XXXVII, 1927, nº. 3, p. 115-129 e nº. 4, P. 185-201; vol. XXXVIII, 1928, nºs. 1-2, p. 85 e nºs. 3-4, p. 241-242; vol. XLI, 1931, nºs. 1-2, p. 101;
- «Martins Sarmiento em terras da Galiza», *Revista de Guimarães*, vol. LXVI, nºs. 1-2, 1956, p. 109-124;
- «Sarmiento, Francisco Martins de Gouveia Morais (1833-1899)», Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, vol. III, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1968, p. 798-799;
- Francisco Martins Sarmiento. Esboço da sua vida e obra científica*, Guimarães, Sociedade de Martins Sarmiento, 1982;
- A. A. Mendes Correia, *No centenário de Martins Sarmiento. Conferência realizada na Universidade do Porto em 9 de Março de 1933*, Lisboa, 1933. Sep. de «Estudos Portugueses do Integralismo Lusitano», vol. II, fascs. I e II;
- «Conferência sobre “Martins Sarmiento e a consciência nacional” *Revista de Guimarães*, vol. XLIII, 1933, nºs. 1-4, p. 53-66;
- Vergílio Correia, *No centenário do nascimento de Martins Sarmiento*, Coimbra, 1933. Sep. de *Biblos*, vol. IX, nºs. 9-12;
- [Correspondência], *Revista de Guimarães*, vol. XXXIV, 1924, p. 5-7; vol. XXXVI, 1926, n's. 1-2, p. 5-7; vol. L, 1940, n's. 1-2, p. 77-105; vol. LVIII, 1948, nºs. 1-2, p. 5-16;
- Emília Sampaio Nóvoa Faria, «Alberto Sampaio e Martins Sarmiento», *Revista de Guimarães*, vol. 102, 1992, p. 461-470;
- Avelino Guimarães, «Dr. Francisco Martins de Gouveia de Morais Sarmiento, o grande archeólogo vimaranense», *Revista de Guimarães*, vol. X, 1893, nº. 4, p. 205-208;
- Alfredo Pimenta, *Martins Sarmiento, literato e historiador*. Conferência realizada na Associação dos Arqueólogos Portugueses, no dia 25 de Junho de 1933, Lisboa, Ed. de José Fernandes Júnior, 1933;
- «Polémica epistolar (Uma) entre Martins Sarmiento e Oliveira Martins», *Revista de Guimarães*, vol. XXXVI, nº. 4, 1926, p. 146-163;

- Revista de Guimarães. Número especial consagrado ao centenário de Martins Sarmiento*, vol. XLIII, 1933, nºs. 1-4;
- Alberto Sampaio, «F. Martins Sarmiento. 9 de Março de 1833 - 9 de Agosto de 1899», *Estudos históricos e económicos*. Com prefácio de Luiz de Magalhães, vol. II, Porto, Livraria Chardron, 1923, p. 117-127;
- José Sampaio, «Os nossos sócios honorários. Francisco Martins de Gouveia Morais Sarmiento», *Revista de Guimarães*, nº. 1, Janeiro de 1884, p. 36-51;
- F. Martins Sarmiento, *Os Argonautas*. Subsídios para a antiga história do ocidente, Porto, 1887;
- «Lusitanos, Lígures e Celtas», *Dispersos. Colectânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia, epigrafia e arte pré-histórica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, sob os auspícios da Sociedade Martins Sarmiento, 1933, p. 338-415;
- Ora Marítima*, de R. Festus Avieno. *Estudo d'este poema na parte respectiva à Galiza e a Portugal*, Porto, 1880 (Há ed. recente, com introdução, versão do latim e notas de José Ribeiro Ferreira, Coimbra, INIC/Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 1985);
- «Ácerca das escavações de Sabroso (Estudo)», *A Renascença*, 1878, p. 118-125;
- J. Leite de Vasconcelos, «Extractos da correspondência epistolar de F. Martins Sarmiento», publicados e anotados por [...] *Opusculos de Ethnologia*, Lisboa, 1904-1907, 26 p.